

1

Introdução

Há, de maneira geral, quase um consenso entre analistas de que as relações entre a Rússia e a União Européia encontram-se em um momento de estagnação. E de fato, ao se atentar ao cotidiano das relações entre a Rússia e a União Européia, torna-se evidente a existência de embates antigos e recentes que sustentam cada vez mais essa visão acerca do estado do relacionamento bilateral: as críticas dos países europeus e instituições européias no que concerne ao processo eleitoral, liberdade de imprensa, direitos humanos e democracia russa de maneira mais geral; os posicionamentos divergentes no que tange a antigos conflitos, como os existentes na Transdnistria (Moldávia) e na Ossétia do Sul e na Abcásia (Geórgia); a dificuldade em se acordar um posicionamento comum no que concerne ao problema nuclear iraniano; as divergências quanto à recente declaração de independência kosovar; as dificuldades encontradas pelos demais Estados em adentrar no mercado energético russo; a diplomacia russa que muitas vezes se utiliza do seu controle sobre os suprimentos de gás natural como arma política; as próprias relações bilaterais entre a Rússia e alguns Estados-membros da UE, que às vezes (como no caso dos países bálticos e da Polônia) são bastante problemáticas.

Isso se dá em um contexto de crescente recuperação russa sustentada no aumento do valor do petróleo, o que, pelo menos até 2008, vinha sustentando uma política externa que visava a retomada de um status de grande potência (Cohen, 2007). Tal política externa, que ainda tem continuidade, apesar da queda no valor do petróleo, caracteriza-se por ações como, por exemplo, a afirmação de não aceitação da instalação do escudo antimísseis norte-americano na Polônia e na República Tcheca, dando a impressão de que as possibilidades de um relacionamento de parceria mais concreto ou mais desenvolvido tornam-se cada vez mais difíceis, e que a distância entre a Rússia e a UE fica cada vez maior. Mesmo com a resolução do problema do embargo à carne polonesa após mais de dois anos em dezembro de 2007 e o lançamento no fim de junho de 2008 das negociações para um tratado bilateral que substitua o vigente Acordo de Parceria e Cooperação, a primeira avaliação que se faz leva a uma dúvida sobre se mesmo com a concretização de um novo acordo a aparente estagnação nas relações entre

a Rússia e a União Européia será de fato superada. A concretização de outro “acordo vazio” (Torrent, 1998) não permitiria a superação de fato deste contexto de estagnação. Além disso, divergências atuais como a recente crise no que diz respeito à integridade territorial da Geórgia somente contribuem para um cenário pessimista no que tange às relações UE-Rússia.

Há, portanto, uma dificuldade bastante grande em se imaginar qualquer passo adiante no âmbito do diálogo bilateral. É nesse contexto que se chama a atenção ao fato de que o termo utilizado tanto por tomadores de decisão como por analistas para definir a relação entre ambas as partes é o de “parceria estratégica”, e, em um contexto considerado negativo, tenta-se imaginar a razão pela qual se utiliza este termo como definidor deste relacionamento.

Recorda-se, então, o exemplo apresentado por Diez (1999). O autor relembra que durante o debate da década de 1960 era comum no debate britânico referir-se à Comunidade Econômica Européia pelo termo “Mercado Comum”. Por sua vez, na Alemanha o termo mais comumente usado era “Gemeinschaft” (Comunidade). Um analista não pode estar alheio ao que representa tal escolha de termos. De fato, a enunciação de um termo ou de outro é muito compatível às distintas visões demonstradas por britânicos e alemães com respeito ao processo de integração europeu. A utilização de um termo ou outro demonstra um interesse de cada parte de propor um relacionamento em bases distintas. Dessa maneira, demonstra-se a necessidade de uma abordagem que permita um foco na linguagem, seu uso e seus efeitos.

Da filosofia da linguagem, especificamente de Austin (1990[1962]), tem-se então a noção de performatividade, que afirma que ao falar a palavra é dotada de uma força dita “ilocucionária”, que realmente tem a capacidade de agir e influir no contexto lingüístico em que foi enunciada. Segundo essa perspectiva, ao se proferir um termo ou outro, aquele que o enuncia – seja um tomador de decisão, seja um analista – está propondo ou reificando um conjunto de regras que constitui e regula um contexto relacional específico e, dessa maneira pode influir na sua consolidação ou no estímulo à modificação dessas regras que o definem.

Nesse sentido, a fim de compreender o ambiente lingüístico que caracteriza o contexto de interação entre a Rússia e a União Européia torna-se fundamental procurar compreender como a aplicação do conceito de “parceria

estratégica” pode ser um ato que define os limites e a profundidade do relacionamento entre ambos os atores. Cabe destacar que mesmo “acordos vazios”, apesar de juridicamente vazios podem não ser politicamente vazios (Torrent, 1998), produzindo efeitos concretos para o entendimento que os atores têm de si e de seu relacionamento.

Nesse contexto, o que as abordagens que “levam a linguagem a sério” permitem é a possibilidade de se buscar entender em que contexto se consolida essa idéia de incompatibilidade. Além de uma tentativa de compreensão de como se chega a este atual contexto lingüístico e de regras, a partir de um exame do processo pelo qual se desenvolve o modo como se relacionam a Rússia e a União Européia, busca-se demonstrar, principalmente, como a noção de “parceria estratégica” entre ambos os atores torna-se racional e adquire significado (Fierke e Wiener, 1999). Desse modo, a presente investigação propõe que atos de fala e outras práticas realizadas socialmente são elementos fundamentais para a constituição do momento atual em que se encontram as relações entre a Rússia e a União Européia. Nesse contexto, busca-se apresentar uma abordagem que se contraponha a uma visão de que essas relações são caracterizadas por um elemento inerente de conflito no relacionamento entre os atores políticos internacionais ou por identidades e interesses fixos dos mesmos.

Portanto, de maneira resumida, as perguntas que a presente dissertação se propõe a analisar e tentar responder são: como a utilização do conceito de parceria estratégica, visto como um ato de fala, informa as regras que constituem e regulam as relações entre a Rússia e a União Européia? Não seria a utilização do termo “parceria estratégica” uma linguagem que propõe uma forma de relacionamento específica entre ambos os atores? Mas que tipo de relacionamento é este? O que significa uma “parceria estratégica” no contexto das relações entre a Rússia e a UE? Como a idéia de estagnação e incompatibilidade se insere em um relacionamento proposto como de “parceria estratégica”?

Mais do que um olhar sobre o tema específico das relações Rússia-UE, busca-se realizar uma contribuição a uma abordagem para as relações internacionais centrada no uso da linguagem e em seu caráter performativo.

Neste contexto, no segundo capítulo, buscar-se-á esclarecer as bases ontológicas, metodológicas e epistemológicas deste projeto de investigação. Dessa

maneira, serão apresentadas algumas noções advindas de debates da filosofia da linguagem. Em seguida, buscar-se-á discutir a influência de tais noções em algumas abordagens que, no âmbito do debate teórico nas Relações Internacionais, fundamentam a proposta de investigação. Posteriormente, tais bases de fundamentação serão relacionadas ao objeto de estudo da investigação e à metodologia que será adotada.

Após tais esclarecimentos, o próximo passo a ser realizado é uma análise do conceito de “parceria estratégica”. Tal análise, que se realizará no terceiro capítulo, buscará compreender a origem do conceito e sua capacidade de assumir múltiplos significados. No capítulo posterior, realizar-se-á então uma análise da linguagem que permeia o relacionamento entre a Rússia e a União Européia não somente nos documentos que compõem o marco relacional bilateral, mas também na linguagem enunciada pelos representantes de ambas as partes. Ainda, serão realizados os estudos de caso acima mencionados, buscando discutir como o relacionamento entre Rússia e União Européia se desenvolve em casos específicos relevantes no âmbito da agenda bilateral. No quinto capítulo, discute-se, então, como a partir da linguagem – e especificamente a partir da utilização do conceito de “parceria estratégica” – as regras do jogo vão sendo modificadas ao longo de um processo temporal até assumir seu caráter atual e a União Européia e a Rússia definem a si mesmos, suas possibilidades de agência e os limites e a profundidade de seu relacionamento. Ou seja, discutir-se-á como o conceito de “parceria estratégica” passa a ser entendido e produz significado no contexto das relações entre a Rússia e a União Européia. Por fim, são apresentadas as conclusões da investigação.